



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

ELANE MICHELE AGOSTINHO MONTEIRO

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO INICIAL DOS PROFESSORES DE
GEOGRAFIA DA UEPB**

**CAMPINA GRANDE - PB
2016**

ELANE MICHELE AGOSTINHO MONTEIRO

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO INICIAL DOS PROFESSORES DE
GEOGRAFIA DA UEPB**

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de artigo apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado(a) em Geografia.

Orientadora: Prof.^a Ms. Angélica Mara de Lima Dias

**CAMPINA GRANDE - PB
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M775e Monteiro, Elane Michele Agostinho
Estágio supervisionado na formação inicial dos professores de geografia da UEPB [manuscrito] / Elane Michele Agostinho Monteiro. - 2016.
26 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Profa. Ma. Angélica Mara de Lima Dias, Departamento de Geografia".

1. Estágio supervisionado 2. Ensino de geografia 3. Processo ensino-aprendizagem I. Título.

21. ed. CDD 371.225

ELANE MICHELE AGOSTINHO MONTEIRO

**ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO INICIAL DOS PROFESSORES DE
GEOGRAFIA DA UEPB**

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de artigo apresentado ao Curso de Geografia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado(a) em Geografia.

Aprovado (a) em: 20/10/2016.

BANCA EXAMINADORA

Angélica Mara de Lima Dias

Prof.^a Ms. Angélica Mara de Lima Dias

(Orientadora)

Luiz Eugênio Pereira Carvalho

Prof. Dr. Luiz Eugênio Pereira Carvalho

(Examinador Externo)

David Luiz Rodrigues de Almeida

Prof. Ms. David Luiz Rodrigues de Almeida

(Examinador Interno)

Aos meus pais, Lourdes e Manoel, que nunca medem esforços para me ajudar a concretizar todos os meus sonhos e ao meu esposo Herbert, que enche meus dias de luz e esperança rumo a um futuro melhor.

Dedico!

AGRADECIMENTOS

A Deus que é minha luz e fortaleza, que é sempre tão amoroso comigo e me dá bem mais do que mereço.

A meus pais, Manoel e Lourdes, verdadeiros exemplos de amor e doação, os maiores colaboradores no processo de formação da pessoa que sou hoje, por todos os seus esforços para me verem ser uma pessoa do bem. Ao meu amado esposo Herbert por seu incentivo e companheirismo; Por sua paciência e torcida por esta e todas as conquistas de minha vida, que agora são NOSSAS.

Aos “Incríveis Amigos” de fé e de vida Robinho, Gleica, Neto e Jennyffer por serem sempre um porto seguro e me permitirem ser eu mesma, independente da situação. Aos meus irmãos de sangue (Edson) e em Cristo (Família Espíritos de Luz e Michele Barbosa) por me mostrarem em cada abraço, olhar, conversa que o amor não se escolhe e que quando vem de Deus é pra sempre, pra todos os momentos.

A minha sogra Cícera, meus companheiros de missão Juh Souto, Jhu Ribeiro, Emerson, Mari, Anderson, Francielle, Jean, Gleuson e Eri por todas as vezes que me acolhem e compartilham suas vidas, seus corações comigo. Aos colegas da Equipe de Saúde na Família – Vila, em especial Fatinha, por serem tão compreensivos e solidários comigo.

A todos os mestres que me acompanharam desde a educação infantil até a graduação na UEPB e me ensinaram a trilhar e almejar um caminho onde a educação é e sempre será essencial para a construção de uma sociedade melhor.

A minha querida turma de Geografia 2009.1-noite, que viveu comigo este momento único de realização de um sonho e que mesmo nas nossas diferenças construímos uma linda história , em especial aos queridos Cheelder, Márcio, Rodrigo Cândido, Jonas, Renato e Eliane verdadeiros amigos que a Geografia me trouxe.

A minha orientadora Angélica Mara, que apesar do pouco tempo de convívio me acolheu tão bem, aconselhou como se fosse uma amiga de anos e me ajudou tanto com seu conhecimento e profissionalismo a chegar até aqui, a esta vitória.

Aos mestres da banca, David e Luiz Eugênio, que em meio a tantos compromissos se dispuseram a contribuir com esta pesquisa.

E a esta Instituição e seus colaboradores por abrir suas portas, capacitando-me, formando-me e preparando-me para uma carreira profissional e para a vida.

A todos que de modo direto ou indireto me passaram suas boas energias neste momento de conclusão deste ciclo tão importante, meu muito obrigado!

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.”

Paulo Freire.

LISTA DE ABREVIATURAS

PCN Parâmetros Curriculares Nacionais

UEPB Universidade Estadual da Paraíba

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	9
2	O ENSINO DE GEOGRAFIA.....	10
3	O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA.....	12
3.1	A essência de uma Geografia formadora.....	12
3.2	Ensaio e desafios do Estágio Supervisionado.....	14
3.3	Recursos didáticos e o ensino de Geografia.....	15
4	REFLEXÕES ACERCA DA PRÁTICA DOCENTE.....	17
4.1	A função dos materiais didáticos.....	17
4.2	Resultados e Discussões.....	17
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
6	REFERÊNCIAS.....	23

MONTEIRO, Elane Michele Agostinho. Estágio Supervisionado na formação inicial dos professores de Geografia da UEPB. Campina Grande: UEPB. 2016 [Trabalho de Conclusão de Curso].

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso que tem como título *Estágio Supervisionado na formação inicial dos professores de Geografia da UEPB* surgiu da necessidade de aprofundar uma pesquisa em relação ao tema, iniciada no período de Estágio Supervisionado no ano de 2012. Através de pesquisa bibliográfica, com o auxílio de entrevistas realizadas com estudantes de licenciatura da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e levando em consideração a experiência da autora deste trabalho, procuramos fazer uma análise do modo como a Geografia vem sendo abordada nas escolas e quais recursos têm sido utilizados para tal prática, buscando desta forma compreender a função do docente no processo de ensino-aprendizagem desta disciplina e fazer uma análise de quais metodologias usar em sala de aula para tornar este processo o mais prazeroso possível para o aluno. É apresentado o Estágio como Componente da grade curricular, as experiências e desafios propostos aos estagiários e algumas reflexões a respeito da prática docente como aprendida na academia e como de fato ela vem acontecendo nas nossas escolas. Por tratar-se de um momento de culminância de grande parte daquilo que somos instigados por nossos mestres a aprender na academia, o Estágio apresenta-se como um “divisor de águas” na Graduação, pois trata-se de um instante decisivo onde somos confrontados por questionamentos e experiências que nos ajudarão a decidirmos que tipo de profissionais queremos nos tornar.

Palavras-Chave: Recursos Didáticos. Estágio Supervisionado. Ensino de Geografia.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho de conclusão de curso tem como título *Estágio Supervisionado na formação dos professores de Geografia da UEPB* levando em consideração a necessidade de compreender a função do docente no processo de ensino-aprendizagem desta disciplina, bem como fazer uma análise de quais metodologias usar em sala de aula para tornar este processo o mais prazeroso possível para o aluno.

Tal trabalho surgiu da minha necessidade¹ de aprofundar uma pesquisa em relação ao tema, iniciada no período de Estágio Supervisionado no ano de 2012 bem como o desejo de modificar uma forma de se ensinar observada nos meus anos finais do Ensino Fundamental. A linha de pesquisa em ensino de Geografia sempre me chamou atenção, motivo pelo qual escolhi ingressar em uma licenciatura. Desde o início do curso com o componente de Prática I

¹ Em um primeiro momento, o trabalho está escrito em primeira pessoa do singular por relatar uma experiência pessoal. O texto segue sua sequência escrito em primeira pessoa do plural, por se tratar de uma pesquisa que não foi realizada isoladamente.

e, em especial, a partir do momento que começamos a nos preparar para as observações e para a prática em si, percebi que na maioria das escolas o único recurso adotado pelos professores para ministrar as aulas era o livro didático. Este recurso é importante e útil, mas não o meio exclusivo de se construir o saber com os alunos. Pensando nisso, e embasada nos conhecimentos adquiridos durante a formação na Universidade, tentei utilizar outros recursos didáticos como músicas e data-show para tentar deixar as aulas mais leves e convidativas.

Dessa forma, este trabalho consiste das reflexões referentes aos estágios supervisionados embasadas em pesquisas bibliográficas, bem como da narrativa da experiência de licenciandos de Estágio II da UEPB a partir da aplicação de entrevistas e no método de pesquisa participativa. Foi escolhido apenas o Estágio II por ter sido este um momento de grandes transformações e confrontamentos em relação à prática docente vividas por mim durante a graduação.

Sendo assim, o trabalho está estruturado em três tópicos. No primeiro, trazemos uma abordagem histórica do surgimento da Geografia como Ciência e sua relação com o ensino. No segundo tópico, apresentamos a experiência vivida no Estágio Supervisionado e a realidade um pouco diferente daquilo para o que somos preparados, bem como nosso ponto de vista (obtido através de nossa prática e por meio de pesquisa dos autores que abordam o tema) em relação ao modo de transmitir o conhecimento adquirido utilizando os recursos didáticos disponíveis. No terceiro e último tópico são apresentados os resultados de entrevistas realizadas entre alunos de Estágio Supervisionado II² da Universidade Estadual da Paraíba, Campus Campina Grande, assegurando-lhes o sigilo e anonimato.

2. O ENSINO DE GEOGRAFIA

Desde os primórdios da humanidade, a Geografia faz parte do cotidiano e das decisões que precisam ser tomadas pela mesma. Para Castrogiovanni (2000, p.7), “o espaço geográfico pode ser entendido como um produto histórico, um conjunto de objetos e de ações que revela as práticas sociais dos diferentes grupos que vivem num determinado lugar [...] sonham, produzem, lutam e o (re)constroem”.

Em Dias (2013, p.17), observamos que “a Geografia se afirma como conhecimento sistematizado desde o final do século XIX” e também que “antes de se constituir como conhecimento organizado, sistematizado, o saber geográfico encontrava-se disperso em

² O Estágio Supervisionado II da UEPB consiste na regência de aulas no ensino fundamental II.

relatos de viajantes [...], estratégias de guerra e em descrições históricas dos antigos povos da Grécia, de Roma, do Egito” (2013, p.47). Dos desenhos de rotas de viagens até se chegar as mais complexas elaborações cartográficas, foi necessário um longo processo de construção e aprimoramento deste saber.

Inquestionavelmente, a Ciência Geográfica tem evoluído ao longo dos anos e no âmbito escolar, mais precisamente no que diz respeito aos currículos, faz-se imprescindível um processo de modelagem em que unem-se a realidade abstrata do sistema educativo com as práticas em torno do mesmo. Deste modo, o professor precisa estar atento ao que transmitir e como fazê-lo, não devendo prender-se apenas ao que lhe é ofertado no currículo por si só e sim tornando-se um sujeito construtor junto ao discente, fazendo uma análise crítica a partir da experiência própria de cada um.

No Brasil, é observado através dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que “a Geografia é sugerida para o ensino por meio de uma fundamentação fenomenológica” (ROCHA, 2014, p.197) em que os objetos são tratados como fenômenos, buscando entender como estes aparecem na consciência dos indivíduos. Nesta perspectiva, o autor aponta ainda que:

Nos documentos específicos para o ensino de Geografia, os estudos fundamentam-se numa abordagem teórica e metodológica que procura contemplar os principais avanços que ocorrem no interior dessa disciplina. Entre eles, destacam-se as contribuições dadas pela fenomenologia no surgimento de novas correntes teóricas do pensamento geográfico (ROCHA, 2014, p.203).

Fica claro assim que é preterível, a quem convém, se fazer uma ciência cheia de intencionalidades, buscando promover o estudo apenas do que for conveniente ao Estado e não levando em consideração os conhecimentos que o mesmo não considere válidos.

A preocupação em como ensinar Geografia não é atual, sinalizada desde os idos de 1900 por geógrafos anarquistas como Elisée Reclus³. Para ele, “uma nova relação dos estudantes com a Geografia só será possível quando enxergarmos o homem como parte da natureza, ou entendermos, que o homem é a natureza adquirindo consciência de si mesma” (RECLUS, 2012, p.11). Corroborando do mesmo pensamento, seu contemporâneo Kropotkin pede que hajam “menos livros. Mais pesquisas. Menos passividade. Mais fazer” (2012, p.12). Concordamos que para isso são necessários mais profissionais que atuem na área do ensino de Geografia por amor a esta ciência e compreendam de fato aquilo que propõe-se a ensinar.

³ A obra aqui citada de Elisée Reclus se trata de uma tradução brasileira editada no ano de 2012, no entanto, a obra original é datada no ano de 1900.

Reclus (2012, p.18) aponta ainda que a admiração do indivíduo em relação ao conhecimento só ocorrerá de fato se este for levado a ter contato direto com o meio, para tanto, sugere que “é importante proceder às excursões e às viagens com o mesmo cuidado de método que no estudo ordinário para educação”. Ou seja, ao optar pelas aulas de campo o professor deve preparar-se tão bem quanto o faz para administrar uma aula em sala, porém buscando meios de aguçar o interesse do aluno pelo campo proposto a ser “desbravado”. Ele propõe também que para fixar melhor as normas e pontos maiores da Geografia usem-se os globos (construídos junto aos alunos, em sala):

Uma simples bola suspensa sobre um aparato de madeira ao lado do mestre, que a segura, move e entrega aos alunos. As linhas que tece nela devem ser simples: dois achatamentos indicam os polos; uma linha negra sobre o ventre marca a Linha do Equador [...]. Tal deve ser o primeiro globo, que estará impregnado de verniz oleoso que se possa desenhar com isso e apagar (2012, p. 21).

Sem dúvidas, para poder executar tais sugestões se faz necessária uma revisão nos conceitos de se construir o conhecimento adotados por nós professores, se necessário realizando uma reforma no modo de ensinar a Geografia e, se for o caso, uma reforma da educação como um todo.

No tópico seguinte faremos uma abordagem sobre a importância indiscutível do Estágio na formação dos licenciandos, apontando os desafios por eles encontrados para a vivência deste componente e apresentando algumas sugestões de como incrementar as suas regências, trazendo dinamicidade e entrosamento para suas práticas.

3. O ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM GEOGRAFIA

3.1 A ESSÊNCIA DE UMA GEOGRAFIA FORMADORA

Como em todo curso de licenciatura, os graduandos vivenciam a experiência com o Estágio Supervisionado. Os docentes deste componente curricular cumprem o serviço de imbricar nos seus alunos o compromisso com o ensino de Geografia, desenvolvimento primordial em sua formação profissional. Podemos observar que muitos estagiários ao irem para as escolas criam muitas expectativas com relação a este componente curricular.

Tendo em vista a importância deste componente, é notável o aumento da carga horária dentro da matriz curricular tentando romper com um modelo de estágio tradicional. Ao longo das aulas na Universidade, observamos que alguns estudantes de Geografia

apresentam pouca ou nenhuma experiência de prática de ensino, enfrentando problemas como: o tempo para planejamento, pesquisa e discussão muitas vezes insuficientes.

A Geografia entendida como uma ciência social, que estuda o espaço construído pelo homem, a partir das relações que estabelece entre si e com a natureza, é uma ciência formativa capaz de instrumentalizar o aluno para que exerça de fato a sua cidadania. É nesta perspectiva, que se procura construir um cidadão que conheça o mundo em que vive que se compreenda como indivíduo capaz de construir a sua história, a sua sociedade, o seu espaço, e que consiga ter os mecanismos para tanto.

O contexto de vida de cada aluno influencia na forma de ver e enxergar o mundo e deve ser levado em consideração. Ser educador de Geografia tem o propósito de conseguir estas metas para com os seus alunos. Implica fazer estas relações entre escola e vida, entre a sua área e as outras, mostrando o mundo mais real, ligado, orgânico em uma visão que supera o irreal mundo por nós construído na tradicional concepção natureza, espaço e economia. Para este fim, nos propõe Castellar que “o professor, ao organizar os conteúdos, deve pensar sobre eles e planejá-los para o seu curso, imaginar como será a aula e, em seguida, reorganizá-la, sendo esses procedimentos a base de todas as ideias que se concretizam” (2010, p.7).

Nesse ponto de vista, é condição para a aprendizagem expressiva não só a estrutura do conteúdo, mas como ele será ensinado, qual será a proposta didática para que estimule as estruturas cognitivas do sujeito e também as bases conceituais necessárias para que o estudante possa incorporar esse novo conhecimento ao que ele já sabe.

Pensar nas formas de organização das aulas, desde os objetivos e conteúdos até o passo-a-passo das atividades, são formas de levar o aluno a compreender para que, ao aplicá-lo haja sentido e coerência com a realidade, atendendo assim aos objetivos que se almeja, pois quando não se planeja, não se consegue atingir tais metas, correndo o risco de tornar as aulas desorganizadas e desinteressantes.

Quando se fala do ensino em que se utiliza quadro e giz, logo pensamos em aulas tradicionais expositivas, no qual o professor expõe o conteúdo em sala e avalia os alunos com uma habitual prova escrita. Mesmo que se utilizem novos recursos, a aula pode continuar possuindo as mesmas características clássicas: repassadora de informações e enfadonha. Não é o recurso que faz a aula ser prazerosa e construtiva, mas a participação do aluno; é ele o principal ator do processo de ensino-aprendizagem. Segundo Callai (2000, p. 93):

O processo de ensino-aprendizagem supõe um determinado conteúdo e certos métodos. Porém, acima de tudo, é fundamental que se considere que a aprendizagem

é um processo do aluno, e as ações que se sucedem devem necessariamente ser dirigidas à construção do conhecimento por esse sujeito ativo.

Muitos professores se habituaram em “dar matéria”, “vencer o conteúdo”. Parece até que para ser “bons professores” é preciso agir desta forma. Não é a quantidade de matéria que vai caracterizar um bom educador, mas se ele constrói com o aluno o conhecimento e o ajuda a compreender o que está sendo trabalhado.

3.2 ENSAIOS E DESAFIOS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Para o graduando em Geografia, o estágio supervisionado é o momento de confrontar a teoria com a prática, dinâmica posta ao ensino de Geografia passando por reformulações, adaptando-se a mudanças no processo de ensino e aprendizagem. No exercício de ensinar, aprender e avaliar, o nosso fazer melhora, e como melhoramos, o educando também melhora na sua forma de construir, avaliando-se e sendo avaliado para que se desenvolva. Sabemos que não é fácil conciliar o discurso com a prática, exige uma mudança de postura e percepção do ensino.

As experiências no tempo escolar acerca dos diferentes tipos de professores lhes possibilita dizer quais foram os bons educadores, quais eram bons em conteúdo e aqueles que eram ruins em didática, isto é, não sabiam ensinar. Quais foram significativos em suas vidas. Também sabem o ser docente por meio de experiências socialmente acumuladas, as mudanças históricas da profissão, discutidas ao longo do curso de licenciatura. Os alunos de licenciatura, quando erguidos sobre conceitos de didática, dizem com a mesma entonação, com base em experiências, que "ter didática é saber ensinar" e que “muitos professores sabem a matéria, mas não sabem ensinar”. Portanto, para eles, didática é saber ensinar.

Essa percepção traz em si uma contradição importante. De um lado, revela que os alunos esperam que a didática lhes forneça as técnicas a serem aplicadas em toda e qualquer situação para que o ensino dê certo; esperam ao mesmo tempo em que desconfiam, pois também há tantos professores que cursaram as disciplinas de didática (e até a ensinam) e, no entanto, não têm didática. De outro, revela que de certa maneira há um conhecimento de que saber ensinar não basta a experiência e os conhecimentos específicos, mas se fazem necessários os saberes pedagógicos e didáticos. Como nos mostra Libâneo (1994, p. 29) ao afirmar que “o processo de ensino é uma atividade conjunta de professores e alunos, organizado sob a direção do professor, com a finalidade de prover as condições e meios pelos quais os alunos assimilam ativamente conhecimentos, habilidades e convicções”. Neste

entendimento, os saberes adquiridos ao longo de um curso de licenciatura servem como mediadores entre os embasamentos teóricos e científicos da educação escolar e a prática docente.

No caso da formação de professores, a partir de sua prática social de ensinar, a didática contemporânea incumbe proceder a uma leitura crítica, partindo da realidade existente, realizando um balanço de iniciativas de se fazer frente ao fracasso escolar. Além dessa consideração dos aspectos epistemológicos característicos das áreas de conhecimento que denotam avanços intrínsecos e que colocam novas questões ao ensino, pois diz respeito a novos entendimentos da questão do conhecimento do mundo presente, a renovação da didática terá por base os aspectos pedagógicos.

3.3 RECURSOS DIDÁTICOS E O ENSINO DE GEOGRAFIA

Cada pessoa é única e tem um modo peculiar de transmitir o conhecimento adquirido aos demais, com o professor de Geografia acontece o mesmo. Tornou-se senso comum colocar as aulas desta disciplina como chatas e enfadonhas e para mudar esta opinião é preciso mais que inovar, mas conhecer a história da Geografia enquanto disciplina escolar e todo o processo de permanências e mudanças referentes a suas práticas de ensino⁴.

Acima de qualquer coisa, tem que estar claro para o professor o fato de que o conhecimento não encontra-se apenas em livros e revistas, ele também é adquirido por outros meios, seja através das relações que estabelecemos uns com os outros (modo informal) ou no ambiente escolar (uso da linguagem técnica).

É cobrado ao docente não apenas o domínio dos conteúdos, mas um modo atrativo de levar o aluno a compreendê-los. Hoje, com o advento da tecnologia, é inevitável não mencionar os vídeos, animações, simulações e *softwares* que nos são disponibilizados para a prática em sala de aula. Neste âmbito, podemos fazer uso de sites como o *Google Earth*, para ajudar os discentes a localizarem-se no globo terrestre e trazer para a sala de aula games que contém formas de relevo e vegetação características de áreas que estejam sendo estudadas.

Estes e outros recursos tecnológicos encontram-se disponíveis na grande rede, no qual o Ministério da Educação em parceria com especialistas de alguns países, por exemplo, criaram meios para dar suporte as diversas áreas do ensino, um trabalho pioneiro que

⁴ Sobre práticas de ensino na Geografia: ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins. Século de prática de ensino de Geografia: permanências e mudanças. In. REGO et al. (Org.). **Geografia**: práticas pedagógicas para o ensino médio. Porto Alegre: Penso, 2011. p. 13 – 30.

apresenta inúmeras opções de atividades a serem desenvolvidas visando maior assimilação dos conteúdos programados.

Além destes meios tecnológicos, podemos também nos apropriar de recursos como as músicas e poemas que retratam os mais diversos temas (da descrição de lugares até os mais complexos processos de globalização e suas consequências); charges e tiras de quadrinhos conhecidas por serem formas textuais divertidas revestidas de ironias que levam a uma reflexão sobre os mais variados temas de modo leve e criativo, mapas e globos, dramatizações (deixando os alunos livres para construir uma história que seja um relato do seu modo de vida ou lhes permita viajar por outras culturas embasados em pesquisas prévias); elaboração de jornais ou fóruns para discutir os conceitos geográficos e produção de desenhos partindo dos mapas mentais que cada um carrega consigo de modo que evidencie os sentimentos e percepções do aluno sobre o lugar onde vive. Vieira (2007) nos acrescenta que “o método inclui a escolha de recursos didáticos e a dinâmica da aula. [...] O professor tem a liberdade e ao mesmo tempo uma responsabilidade muito grande na escolha da forma e conteúdos para melhor atingir os objetivos propostos” (p. 101).

Ou seja, tudo que vai ser realizado em sala de aula deve seguir uma lógica, mais clara possível, e devem ter objetivos bem traçados a serem alcançados, bem como, o modo de chegar a eles (as etapas da execução) com tais práticas (o planejamento). É preciso “entender que, em matéria de ensino, a qualidade da aula não depende somente do material selecionado, mas entre outros fatores, do conceito que o professor tem sobre ele” (REHDER, 2007, p. 54).

Em linhas gerais, o mais importante é que enquanto formadores de cidadãos críticos e conscientes de seu papel transformador da sociedade, possamos trazer nossos aprendizes para o mais próximo de sua realidade, pois só entende-se efetivamente determinado assunto, quando se tem o mínimo de vivência a seu respeito. Outro ponto primordial é "através da Geografia oferecer ao aluno a ‘chave’ para a compreensão do mundo, através da leitura de seu cotidiano" (KALIL, 2010, p. 41), apresentando fatos globais e enfatizando sua importância no local.

Destacaremos a seguir a necessidade de se construir uma vivência em que o novo não seja visto como algo estranho, mas que colabora para uma melhor construção dos conteúdos geográficos. Para isso partiremos da análise das entrevistas realizadas com os estagiários em relação às suas experiências como regentes.

4. REFLEXÕES ACERCA DA PRÁTICA DOCENTE

4.1 A FUNÇÃO DOS MATERIAIS DIDÁTICOS

Há uma realidade que se quer transformar: a prática dos professores, as escolas, o sistema de ensino e a sociedade em geral. O novo é algo paradoxal: fascina, desafia, provoca para a superação, dá sentido à experiência, na medida em que tira da inércia, da mesmice, mas também provoca medo por colocar em questão a estabilidade, a segurança adquirida até aquele momento. No processo de mudança, é normal conviverem elementos da nova concepção com práticas arcaicas. O novo se faz a partir do velho. Partindo desta premissa, chegamos à aproximação que se pode estabelecer entre este processo de mudança no âmbito escolar e os recursos didáticos na sala de aula. Como recurso, sua existência será determinante nas decisões que se tomam na sala de aula sobre o resto das mutáveis metodologias. A organização da coletividade na aula será de um tipo ou de outro de acordo com a existência ou não de meios auxiliares; as relações que se estabelece na classe serão mais ou menos colaborativas segundo os distintos recursos. Conforme nos afirma Zabala (1998, p. 187) ao delinear que:

Uma das conclusões da análise dos recursos didáticos e de sua utilização é a necessidade da existência de materiais curriculares diversificados que, como peças de uma construção, permitam que cada professor elabore seu projeto de intervenção específico, adaptado as necessidades de sua realidade educativa e estilo profissional.

Contudo, os materiais não cumprem uma função direta dentro de uma construção didática, mas ajudam a desenvolver as atividades de ensino/aprendizagem propostas pelos educadores, de acordo com as necessidades específicas dos alunos.

Conforme o que foi salientado, apresentada as peculiaridades individualizadas da conjuntura educacional, dos múltiplos ritmos de aprendizagem dos discentes, assentadas pelos distintos tipos de conteúdos e por uma lógica que abarca a característica individual de cada aluno, são indispensáveis proporcionar aos docentes uma ampla cifra de materiais, visando atender a demanda diferenciada que proporcione uma variante combinação e elaboração de unidades didáticas.

4.2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Por tratar-se de uma pesquisa voltada ao ensino de Geografia, em especial no Estágio Supervisionado II, foi adotado o método de entrevista aplicado a alunos e ex-alunos do curso de Geografia da UEPB, buscando analisar e compreender como foi a experiência de cada um, garantindo-lhes o sigilo e anonimato sem deixar de relatar na íntegra seus pontos de vista. Devido ao tempo disponível para a aplicação das perguntas ter sido curto, para se chegar aos estudantes entrevistados buscamos contemplar alunos que concluíram o curso em anos diferentes, para assim perceber se as dificuldades e êxitos observados em cada caso tinham pontos em comum e o que cada experiência traria de singularidade às perguntas aplicadas.

Estagiário A: 39 anos, sexo masculino, estagiou em 2012 e concluiu o curso em 2013.

Estagiário B: 24 anos, sexo masculino, estagiou em 2014 e concluiu o curso em 2016.

Estagiário C: 34 anos, sexo feminino, estagiou em 2012 e concluirá o curso em 2016.

A primeira pergunta foi: Qual a importância das aulas de Geografia para a formação dos alunos?

Estagiário A: A Geografia escolar é extremamente importante para o alunado! A partir do ensino de Geografia os discentes conseguem interagir ativamente na construção e reconstrução do espaço vivido. A produção do conhecimento se dá com significância, contextualizando com a dinâmica cotidiana dos indivíduos. O ensino geográfico é capaz de ofertar aprendizagem, contribuindo para autonomia e criticidade dos alunos.

Estagiário B: Elas têm um poder de criticidade fantástico, fazendo com que o aluno aprofunde suas práticas relacionadas ao seu cotidiano, de modo que o conteúdo se torne significativo para sua vivência.

Estagiário C: A importância da Geografia escolar é fazer com que o aluno entenda o espaço como um todo, suas mudanças e transformações; É formar um cidadão consciente e crítico dos seus direitos e deveres.

É perceptível que todos os entrevistados partem do pressuposto de que a Geografia serve não apenas para a transmissão de conhecimentos, mas para a construção dos mesmos a partir do que o indivíduo carrega consigo (experiências de vida sua ou de pessoas que fazem parte do seu dia a dia), possibilitando a formação de pessoas mais críticas e interessadas pelo ambiente que habitam.

É encantador estes dois lados que a Geografia proporciona: o de fazer uma visita as mais diversas áreas do conhecimento e dar a cada uma delas sua contribuição e o fato de que ela (a Geografia) é sempre atual. Na universidade, isto fica mais perceptível, mais paupável e

evidencia o quanto é necessário valorizar o saber geográfico e suas vertentes que são tão importantes para a sociedade de modo geral, não apenas para aqueles que têm a oportunidade de estudá-la mais a fundo e conhecer seus grandes pensadores.

A segunda pergunta: Quais os recursos didáticos utilizados por você em sala, enquanto estagiário? Quais as estratégias utilizadas para colocá-los em prática?

Estagiário A: Quadro e pincel; livro didático; celular e caixa acústica; música. Aproveitando a intimidade que os alunos têm com as novas tecnologias (celular) esta foi utilizada como ferramenta didática e foi possível trabalhar a música Asa Branca de Luiz Gonzaga, Nesta perspectiva as discussões transcorreram a partir da categoria lugar e em seguida foi solicitada uma produção artística, desenhos representando as características nordestinas.

Estagiário B: Os recursos foram sempre escolhidos de acordo com o conteúdo, no entanto já me foi útil trabalhar com mapas, leitura verbal e não-verbal a partir de crônicas, cordel e poemas literários... Vídeos, músicas e documentários. As estratégias utilizadas variam de acordo com a turma, em alguns casos “distribuindo pontos atribuídos às atividades desenvolvidas, para formarem uma nota”.

Estagiário C: O professor tem que buscar recursos que estejam inseridos no cotidiano do aluno. Utilizei músicas, slides, mapas, data show, quadro, giz.

Aqui temos exemplos claros de que a criatividade é muito bem vinda às aulas de Geografia, de que quanto mais se busca através até mesmo de coisas que pareçam simples e corriqueiras (como o uso do celular) inovar, mais os alunos sentem-se convidados a interagir e contribuir para uma aula bem participativa.

No processo de formação na universidade, os professores procuraram sempre nos incentivar a independente do recurso utilizado procurarmos ser coerentes e “criarmos” o nosso jeitinho de dar aula, pois podíamos planejar a aula de uma forma e ao chegar na escola nos depararmos com outra realidade.

Terceira pergunta: Você sentiu-se preparado para o estágio através dos estudos na universidade, de modo que oferecesse uma educação coerente aos alunos?

Estagiário A: Não! Apesar de ser um curso de licenciatura ainda temos poucas aulas práticas no espaço escolar. Outro grande problema é a didática por parte de alguns professores, já que muitos deles são engenheiros ou bacharéis, mas não passaram por uma licenciatura, o que compromete a formação de professores de Geografia. Os desafios foram intensos, só minimizados com a prática e formações contínuas.

Estagiário B: Parte da construção de um profissional docente é atrelada a sua caminhada. Na Universidade vemos só o básico, os horizontes maiores devem ser vislumbrados a partir da prática e isso só acontece com a experiência acumulada dia após dia, por isso defendo uma formação continuada para os professores.

Estagiário C: Não me senti totalmente preparada, pois os conteúdos vistos na Universidade não são os mesmos que temos que lecionar nas escolas. O nervosismo também atrapalhava, o tempo de estágio deveria ser maior, este Componente deveria ser trabalhado realmente desde os anos iniciais do curso, preparando melhor o estagiário.

Ninguém nasce totalmente pronto para desempenhar qualquer atividade que seja. É primordial que haja sempre um contínuo processo de aprendizagem, atualização e reciclagem de conceitos adquiridos ao longo de uma formação. Por isso, a universidade nos dá uma base, ela nos ensina “a pescar”, mas não nos “entrega o peixe de bandeja”.

Em relação a alguns assuntos referentes a disciplina sinto-me despreparada até hoje, pois como já citado neste trabalho, alguns mestres têm grande conhecimento mas não conseguem transmiti-lo. Porém, isto é uma forma de incentivo também, pois nunca teremos um saber/conceito totalmente pronto, é necessário que façamos a construção do nosso modo de compreender determinado tema e isso se dá por um processo contínuo de estudo e reciclagem.

Por fim foi perguntado: Quais são as estratégias utilizadas para motivar os alunos nas aulas?

Estagiário A: A principal é perceber o aluno, buscar compreender seu contexto socioeconômico e cultural. Busco apresentar os objetivos dos conteúdos estudados e contextualizá-los com a dinâmica cotidiana dele. Gosto de trabalhar com o formato de projetos de pesquisa, assim consigo mediar e acompanhar o crescimento intelectual individual e coletivamente. Proponho produção de mapas e maquetes, aulas de campo (geralmente pelo bairro), realização de peças teatrais, desenhos e cartazes bem como produção textual e pesquisas orientadas.

Estagiário B: Procuro sempre associar a vivência do aluno, deixando transparente para o aluno o sentido da Ciência Geográfica.

Estagiário C: Buscava inserir os assuntos das aulas no cotidiano dos alunos e utilizar recursos didáticos mais dinâmicos como vídeos e data show.

Apesar de cada um a seu modo buscar incentivar um melhor desenvolvimento dos alunos, é um processo de “mão-dupla”. Não depende apenas do professor ou estagiário, tem

que haver uma abertura por parte do aluno para desenvolver cada atividade, como proposta e isso requer um elevado grau de entrosamento entre docentes e discentes.

Lembro-me bem de em uma das aulas trabalhar no 3º Ano Médio o tema “Nordeste Brasileiro”, tema proposto pelo professor titular. Por tratar-se de um assunto bem familiar aos alunos já que eles estão inseridos nesta região, procurei em um primeiro momento questioná-los sobre o que eles pensam quando mencionamos o Nordeste e obtive como respostas: as festas típicas, as praias, os nordestinos, as comidas, a pobreza, entre outras. Em seguida, projetei imagens de como as outras regiões da Federação enxergam o Nordeste - de seca, pobreza, retirantes e falta de oportunidades – e como ele realmente o é – de cultura ímpar e aberto ao progresso. A partir deste diálogo inicial a aula ficou mais dinâmica e participativa, cada um colocou seu ponto de vista apresentando inclusive dados de reportagens e sites que eles já tinham visto anteriormente abordando o tema da aula, trouxeram também experiências do seu dia a dia. Ficou claro então que partir do conhecimento prévio deles, por mais simples ou superficial que seja, é uma das melhores formas de fazer com que sintam-se realmente parte integrante da aula e sejam instigados a pesquisar e contribuir com seus resultados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Estágio Supervisionado é o momento de culminância de grande parte daquilo que somos instigados por nossos mestres a aprender na academia; é onde partimos para o novo e começamos a trilhar um caminho prático e reflexivo. Ele apresenta-se como um “divisor de águas” na graduação, pois trata-se de um instante decisivo no qual somos confrontados por questionamentos e experiências que nos ajudarão a decidirmos que tipo de profissionais queremos nos tornar a partir dali.

Desta forma, o Estágio proporciona uma nova visão a respeito da prática docente. O “como fazer” não é instantâneo, mas um processo construído, inerente a realidade escolar, proporcionando uma mudança de “ponto de vista”, portanto uma mudança de postura de acadêmicos em futuros profissionais detentores e mediadores do conhecimento, possibilitando a construção de cidadãos críticos.

Constitui fator fundamental para o acadêmico de licenciatura em Geografia, unir teoria e prática a partir do estágio. De modo particular, esta experiência oportunizou a reflexão sobre o modo como encontra-se a educação em nosso país hoje e de que forma queremos contribuir para que avanços e melhorias possam ser enxergados quando tivermos a oportunidade de estar em sala, desta vez como titulares. A teoria é importante, mas a prática

ajuda-nos a perceber em que ponto somos bons e em que podemos e devemos melhorar para nos tornarmos profissionais competentes e qualificados.

A regência de estágio é um momento ímpar que nos permite descobrir que somos sim capazes de contribuir com a formação de cidadãos que estão em busca de algo mais, de uma sociedade mais justa e igualitária, pessoas que querem realmente ver a mudança positiva acontecer em suas vidas, em seu país.

ABSTRACT

The present work of conclusion course whose title *Supervised Internship the initial training of Geography teachers UEPB* it arose from the need to deepen a research by topic, started in the Supervised Internship period in the year of 2012. Through literature search, with the help of interviews with undergraduate students the Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) and taking into account the experience of the author of this work, he sought to make an analysis of how geography is being addressed in schools and resources which have been used for the practice, seeking in this way to understand the teacher's role in the teaching-learning process of this discipline and making an analysis of what methods to use in the classroom to make this the most enjoyable process possible for the student. It is presented as the stage of the curriculum component, the experience and challenges proposed to trainees and some reflections on the teaching practice as learned in the academy and as indeed it has been going on in schools. Because it is a moment of much of culmination of what we are incited by our teachers to learn in the academy, the stage presents itself as a "watershed" in graduation, because it is a decisive moment where we are confronted by questions and experience that will help us decide what kind of professionals we want to become.

Keywords: Didactic resources. Supervised internship. Geography teaching.

6. REFERÊNCIAS

- CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. **In: CASTROGIOVANNI, Antonio (org.). Ensaios de geografia: práticas e textualizações no cotidiano.** Porto Alegre: Mediação, 2000. p.93.
- CASTELAR, S. Currículo, Educação Geográfica e Formação Docente: Desafios e Perspectivas. **REVISTA TAMOIOS**, São Paulo, ano II, nº 2, p. 6-10, jul./dez. – Ano II, 210.
- DIAS, A. M. L. **Linguagens lúdicas como estratégia metodológica para a Geografia escolar na Revista do Ensino de Minas Gerais(1925-1935).** João Pessoa, 2013.
- KALIL, K. M. Oficina de atualidades. **Geografia**, São Paulo, SP, n. 34, p. 38-41, nov. 2010.
- LIBÂNEO, J. C. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994. p. 27-29.
- RECLUS, E. KROPOTKIN, P. **Escritos sobre educação e Geografia.** São Paulo. 2012.
- REHDER, M. Globalização dos objetos de educação. **Geografia**, São Paulo, SP, n. 28, p. 50-55, s.d.
- ROCHA, G. O. R. O currículo oficial para o ensino de Geografia: as prescrições oficiais do Estado Brasileiro(1995-2010). **In: FARIAS, P. S. C.; OLIVEIRA, M. M.(org.). A formação docente em Geografia: teorias e práticas.** Campina Grande: EDUFCG, 2014. p. 187-218.
- SÁ, M. G.; VIEIRA, C. E. Recursos didáticos: do quadro- negro ao projetor, o que muda? **IN: MALYSZ, S. T.; PASSINI, E. Y.; PASSINI, R. (Org.). Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado.** São Paulo: Contexto, 2007. p. 101-11.
- ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar;** tradução Ernani F. Rosa. – Porto Alegre: Artmed, 1998.